

ÁLVARO ASTOLFO DA SILVEIRA

ANTES que a Geografia granjeasse o direito de figurar entre as demais ciências, com os seus métodos próprios e objetivos perfeitamente caracterizados, coube aos naturalistas e engenheiros a missão de apresentar as melhores contribuições para o seu desenvolvimento.

No Brasil, em particular, as explorações geográficas acompanharam as pesquisas botânicas de MARTIUS, as geológicas de HARTT, como igualmente os trabalhos técnicos de TEODORO SAMPAIO e de seus continuadores.

A Escola de Minas de Ouro Preto, cujo primeiro diretor e seu fundador, GORCEIX, soube disciplinar a tendência ao estudo de seus alunos, guiados por métodos rigorosos de investigações, pode ufanar-se das suas turmas, diminutas em número, mas proficientes na especialidade escolhida, como tem revelado esta galeria de geógrafos, onde já figuram GONZAGA DE CAMPOS, ARROJADO LISBOA, EUSÉBIO DE OLIVEIRA, MORAIS RÊGO.

Semelhante aos seus colegas, ÁLVARO A. DA SILVEIRA habilitou-se aos trabalhos de campo na famosa Escola da ainda capital de Minas Gerais, onde se diplomou.

Vinte e cinco anos de idade contava, pois nascera em Passos, a 23 de outubro de 1867, quando se destinou ao exercício da engenharia civil, por volta de 1892.

Estreou-se na Estrada de Ferro Central do Brasil, que, outrora, quando denominada E. F. D. Pedro II, fôra escola ativa de engenheiros ferroviários.

É de crer não lhe tivesse agradado a prática profissional nesse ramo, do qual se transferiu, decorrido o primeiro biênio, para a Comissão Geográfica e Geológica de Minas Gerais.

Cedo se lhe deparou, destarte, ocupação que lhe aprazia.

Nunca mais a deixaria, ainda quando a visse angustiada pela crise financeira.

As atividades que então desenvolve espelham-se não só nos levantamentos para a Carta Geográfica, mas ainda nos ensaios que o "Boletim da Comissão" acolhe em suas páginas.

Assim, o de número 4 constituiu-se exclusivamente com a sua colaboração, manifesta em:

— Estudo meteorológico relativo a São João d'El-Rei. — A geada e os vegetais. — Subsídios ao estudo da Geografia Botânica do Estado de Minas Gerais.

No seguinte, número 5, aparece a — Contribuição para o estudo do clima das montanhas elevadas de Minas Gerais, e dados relativos à temperatura de várias povoações mineiras.

Desta maneira, extremou-se, pela competência e operosidade, entre quantos mourejavam na Comissão.

E coube-lhe, sem demora, a chefia, em que se achava, quando motivos de economia determinaram a ordem de suspensão total dos trabalhos e dispensa do pessoal respectivo, aproveitado quanto possível em tarefas diferentes.

Aceitou, nesse interregno, fiscalizar as "Colônias do Estado", a Diretoria da Imprensa Oficial, (1907), a Diretoria de Agricultura (1913).

E quando se restaurou a Comissão Geográfica e Geológica, em 1921, ninguém poderia competir, quanto ao merecimento e dedicação, com o antigo diretor, que tomara a precaução, para evitar possíveis extravios, de arquivar em lugar seguro todas as cadernetas de campo e informações várias relativas às atividades da Comissão dissolvida quatro lustros antes.

Ainda mais, decidido a cartografar os dados colhidos pelos seus auxiliares, empreendeu desenhar pessoalmente, em 1899, as duas últimas folhas da primeira série, de números 9 e 10, designadas por Lima Duarte e Rio Preto, que no canto superior, à esquerda, mencionam os operadores de campo e o chefe — ÁLVARO DA SILVEIRA, e à direita, em baixo, a declaração: Alv. Sil. del.

Bastaria tão expressiva circunstância para evidenciar o devotamento do engenheiro à Geografia, demonstrado, aliás, abundantemente em todas as oportunidades.

Assim pôsto desligado de obrigações profissionais, que o levassem ao campo, uma vez que encerrara a C. G. G. a sua existência oficial, não cessou A. DA SILVEIRA as suas excursões, ora em busca de espécies vegetais, cuja classificação empreendia, ora com o intuito de esclarecer dúvidas acerca de informações altimétricas.

Especialmente, em relação às serras de Minas Gerais, que perlustrou, para conhecer as particularidades de Ouro Branco (1904), de Cipó (1905), de Piedade (1906), de Itabira (1907), de Caparaó (1911), onde calculou a altitude do pico da Bandeira.

De todos esses reconhecimentos regressava com abundância de material geográfico e botânico, do qual resultou a classificação de inúmeras plantas anônimas.

"São em número de 80 as espécies que descrevo agora, e que julgo novas", registou em Flora e Serras Mineiras (1908).

Mais tarde, aumentadas as coleções, apresentou a Flóralia Montium (1928), em dois volumes de maior vulto.

As suas investigações botânicas, entretanto, não se restringiam à sistemática, exposta em latim, para melhor acolhimento nos centros culturais.

Também as utilizava para aplicações geográficas, ao considerar as "Grandes Divisões da Flora do Brasil", em que, de começo, conceitua: "o estudo da distribuição dos vegetais pelas várias zonas do globo, segundo as preferências de cada um deles, constitui a geografia botânica ou fitogeografia".

Adotou a divisão proposta por MARTIUS, que distribuiu a vegetação do solo brasileiro em cinco amplos grupos, a saber: I — Região montano-florestal, ou das Dryades. II — Região montano-campestre, ou das Oreades. III — Região cáldio-sêca, ou das Hamadryades. IV — Região cáldio-úmida, ou das Naiades. V — Região dos vales extratropicais, ou das Nápeas. A descrição de cada uma delas, porém, baseia-se no que observou pessoalmente, em repetidas viagens, determinadas pelas predileções, a que se referiu, ao examinar a Flora de Belo Horizonte.

"Exercem sobre mim as belezas naturais verdadeira fascinação, e por isso, apesar de atormentado pela luta diária que cada um de nós tem de sustentar para não naufragar nesse mare magnum da existência, encontro sempre uma fração, pequenina embora, do tempo de meu descanso para passá-la absorvido na contemplação da Natureza".

Os seus escritos, aliás, dispensavam a confissão, rompente dos vários capítulos, em que versou, com sagacidade, assuntos correlatos, e os livros especialmente consagrados ao estudo metucioso das plantas.

Raramente, porém, deixaria de relacioná-las com a Geografia, ao examinar as vegetações montesinas, como também das grutas próximas a Lagoa Santa, que ingressaram nos anais científicos de universidades européas, mercê das pesquisas paleontológicas do Dr. LUND, cuja biografia traçou, embebida de simpatia, como igualmente a de frei CONCEIÇÃO VELOSO, naturalista.

Se, ao evocar os vultos de sábios, cuja competência exaltava carinhosamente, servia-se de expressões indicativas de sua admiração, também lhe era fácil valer-se da ironia e mordacidade, ao contrariar os argumentos dos contendores, contra os quais se arremessava, como ágil polemista.

Mais de uma vez analisaria obras, especialmente acêrca de assuntos geográficos, ainda quando subscritas por nomes prestigiados pelas posições oficiais.

A polémica seria uma das manifestações da sua atividade de polígrafo, que, todavia, mais se exercitou em ciências naturais e geografia.

Assim, publicou "Viagem pelo Brasil" (1908), "Flora e serras mineiras", "Os limites de Minas com São Paulo" (1917). "Os tremores de terra de Bom Sucesso" (1920) — "Memórias corográficas" 2 volumes (1922) — "Fontes, chuvas e florestas" (1923) — "Narrativas e memórias" — 2 volumes (1924) — "Geografia do Estado de Minas" (1929).

Esta é uma obra acentuadamente descritiva, com opulentas informações, muitas das quais foram colhidas pelo próprio autor, que, retomando a chefia da Comissão Geográfica e Geológica de Minas, restaurada em 1921, ainda permaneceu em atividade, até se aposentar em 1931.

Prezava mais o resultado de suas observações diretas do que as afirmativas de expositores nem sempre baseados em iguais títulos.

Por isso, não só perseverou na afirmativa de ser o pico da Bandeira o mais alto do Brasil, a 2 884 metros acima do nível do mar, arrostando a impugnação de vários opositores, como ainda sustentou opinião contrária à dos que atribuem às florestas influência dominante no regime das chuvas.

Baseado em observações próprias, desenvolveu campanha intensa contra a doutrina que atribuíva virtudes hietogênicas às florestas, apesar de confidenciar:

"Ninguém mais do que eu respeita a árvore; acho-a majestosa; amo-a; extasio-me contemplando a floresta; venero-a também.

Tudo isso, porém, não me fará enxergar na mata qualidades que ela não tem".

Assim se revelava o professor de topografia da Escola de Engenharia da Universidade de Minas Gerais, que não temia combater conceitos generalizados, quando estribado em fatos.

Sustentava galhardamente as suas convicções com o mesmo ardor que o levou a salvar a Comissão Geográfica e Geológica de malôgro ruinoso, quando sofreu penoso colapso.

Ao emudecer, a 27 de novembro de 1945, deixava edificante exemplo de pesquisador arguto, que se comprazia em palmilhar paraéns impérvias, à procura de esclarecimentos para suas dúvidas.

E à defesa das conclusões a que o levassem cuidadosas investigações, dedicava-se com o fervor dos paladinos incansáveis, ainda quando houvesse mister de aparentar atitude iconoclasta.

Mais de uma vez analisaria livros, opúsculos e artigos contrários à sua opinião, como lutador decidido a aniquilar de uma vez o adversário de alto coturno.

Ainda nessas contribuições negativistas, porém, não cessava de espalhar conhecimentos adquiridos em longo jornada pelo território mineiro, de cujas peculiaridades geográficas se tornou incomparável sabedor.

VIRGILIO CORRÊA FILHO



Alvaro de la Silveira